



A PERCEPÇÃO COMO MÉTODO PARA TRABALHOS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O CASO DE UMA COMUNIDADE DE PORTO ALEGRE - RS

Danielle Paula Martins⁽¹⁾

Tecnóloga em Meio Ambiente, Mestre em Geografia, Professora Universidade FEEVALE, Pesquisadora NEEA – UFRGS (Núcleo de Estudos em Educação Ambiental) e Educadora Ambiental .

Endereço ⁽¹⁾: RS-239, 2755 Novo Hamburgo - RS CEP 93352-000 Fone: (51) 9946 6054. e-mail: dmartins_eco@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de uma investigação sobre percepção ambiental realizada em bairro Humaitá, ao norte da cidade de Porto Alegre. Este bairro surgiu com a configuração de um bairro industrial, apesar de ser criado para suprir uma demanda habitacional da cidade. A área onde está construída grande parte das residências dos entrevistados era uma parte alagadiça da cidade e que para se tornar passível à construção, foi aterrada com lixo. Os objetivos de realizar uma análise de percepção resumem-se em obter um melhor conhecimento sobre o local e estabelecer algumas opções de trabalhos em educação ambiental com a essa comunidade, tendo em vista o histórico de impacto ambiental local. Para esta atividade realizou-se 44 entrevistas com moradores locais, em um período de quatro meses. O método de amostragem utilizado foi do tipo não-probabilístico e classificado como snow-ball (bola-de-neve). Os resultados apontam que os moradores não conhecem a constituição urbana e natural do bairro, eles possuem forte ligação com as áreas verdes locais, como o parque localizado no centro do bairro, porém não gosta da vegetação típica de áreas alagadiças, o que traduz um conhecimento homogeneizado em relação à natureza. Diante de outros resultados apresentados, sugerem-se trabalhos de educação ambiental com os moradores e efetiva gestão do poder pública na aplicação das políticas públicas ambientais.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção, cidade, lixo, gestão, educação.

INTRODUÇÃO

A ocupação e a urbanização dos ambientes naturais é um processo em gradativo crescimento, que, ao observar o seu histórico, impactos expressivos e alguns irreversíveis foram deixados em espaços que hoje se caracterizam como cidades. A transfiguração do meio natural, dos vilarejos e dos pequenos centros comerciais familiares em grandes metrópoles, foi muito expressiva no último século. Porto Alegre como uma metrópole estadual tornou-se opção de habitação de muitas pessoas, e como consequência, um dos espaços naturais mais impactados.

Diante deste cenário, este trabalho apresenta resultados de uma investigação sobre o espaço do bairro Humaitá e alguns apontamentos em relação a percepção ambiental levantada dos moradores deste local, com o objetivo de identificar uma estratégia de trabalhar a educação ambiental com essa comunidade. Neste bairro existe uma área de preservação ambiental inserida em um parque, com características pantanosas, ecossistema esse, quase inexistente na cidade, que garante um habitat para muitas espécies da flora e fauna. Devida as mais diversas formas de interferências, a manutenção desse espaço está comprometida.

ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo desta pesquisa, o bairro Humaitá, localiza-se ao norte da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Pertence à mesorregião metropolitana de Porto Alegre e localiza-se junto ao Lago Guaíba. A área do município de Porto Alegre é de 470,25km² (IBGE; 2000).

Quanto às suas delimitações geográficas, a área de estudo se limita ao sul com o bairro Navegantes e, ao norte, com o município de Canoas. Está às margens da freeway (BR 290), entre a BR 116 e a BR 448. Localiza-se próxima ao aeroporto internacional, à rede ferroviária e ao Trensurb (Figura 1).

O Humaitá possui uma área de 417 hectares. Caracteriza-se por ser um bairro de baixa densidade demográfica, sendo margeado por edifícios apenas nas regiões norte e leste. De acordo com os dados do IBGE de 2000, sua densidade demográfica é de 25 habitantes por hectare, a população total é de 10.470 moradores.

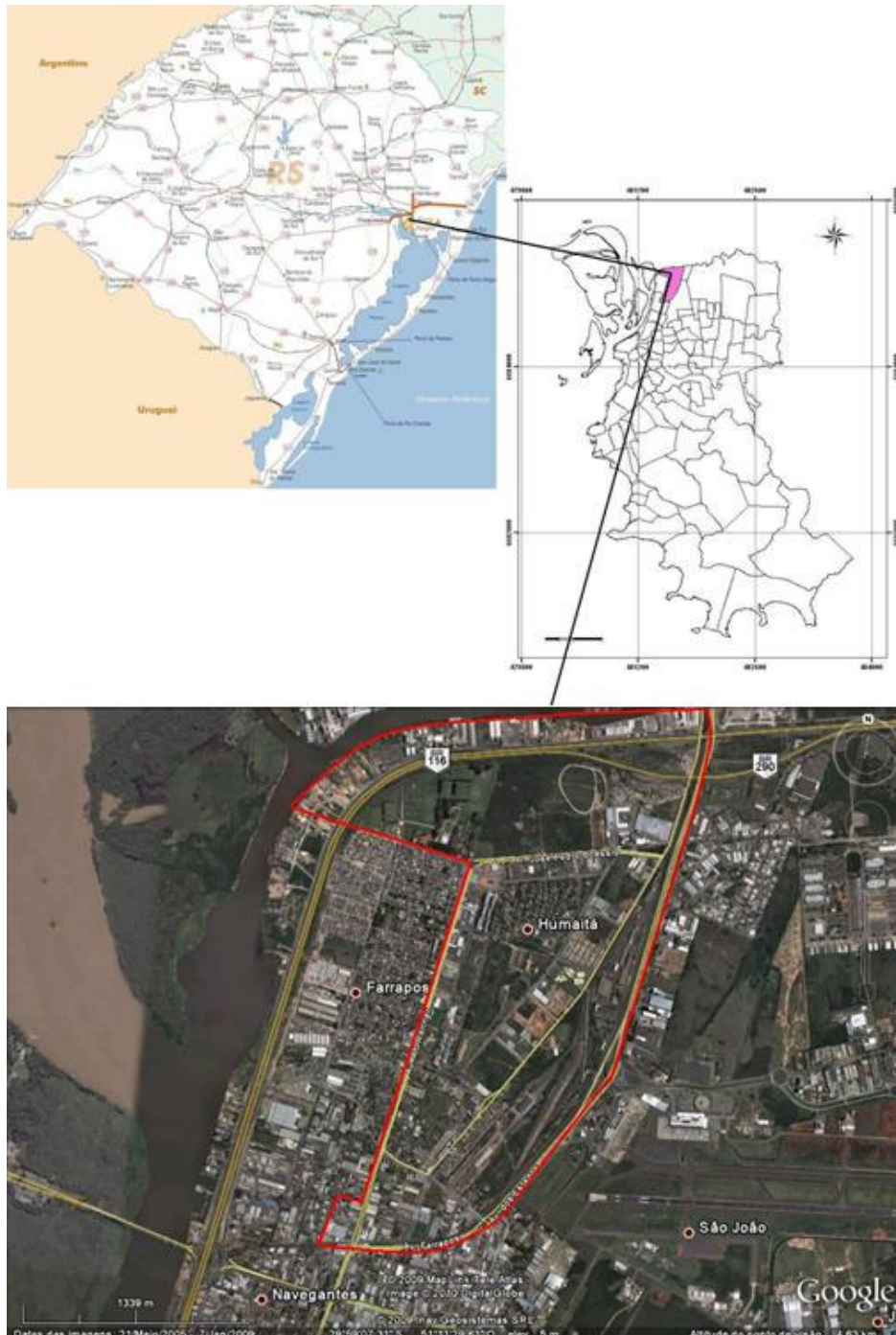


Figura 1. Situação e localização geográfica do bairro Humaitá .Organização Danielle Paula Martins. Fonte: Hasenack, H. et al (coord). Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2008, e Google 2009.



II Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental

O bairro dista 8 km do centro da cidade, uma distância pequena quando comparada a outros bairros e está ligado a importantes avenidas e rodovias. Todos esses fatores, somados à disponibilidade territorial para ocupação urbana, tornaram o Humaitá um local de especulação imobiliária crescente nos últimos cinco anos.

O Humaitá foi um dos setores residenciais projetados pela iniciativa privada juntamente com o poder público, com a justificativa de amenizar os problemas de falta de habitação da cidade. A área deste bairro originalmente faz parte da várzea do rio Gravataí, e foi caracterizada como uma região alagadiça até o ano de 1977, quando surgiu a proposta de aterramento por uma empresa loteadora (TRINDADE; 1982). A ocupação da área se deu ao longo dos anos 80 e com a ampliação dos edifícios residenciais.

De acordo com relatos obtidos com os moradores do atual bairro, durante muitos anos, sem definição exata, essa área abrigou atividades rurais como a fazenda Mentz. Essas atividades consistiam em criação de porcos e plantações de arroz, além de existirem ali uma cobertura vegetal de eucaliptos e banhados com juncais.

MATERIAIS E MÉTODOS

O principal instrumento utilizado para levantamento da percepção ambiental dos moradores foi a realização de entrevistas. As entrevistas constituem uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados (PÁDUA; 1997). A técnica utilizada foi entrevista dirigida, com alguns momentos de entrevista guiada. A entrevista dirigida é caracterizada por perguntas precisas, e com ordem preestabelecida. Já a entrevista guiada foi empregada aos entrevistados que se mostraram mais prestativos, pois neste tipo de entrevista, o entrevistador explora maiores informações, sem constrangimentos (RICHARDSON; 1985).

Para a seleção da população envolvida na entrevista, buscaram-se moradores que residem a um tempo maior de 10 anos no bairro, de forma a identificar a percepção ambiental de acordo com as alterações que o espaço sofreu ao longo de sua urbanização. O método de amostragem utilizado foi do tipo não-probabilístico e classificado como snow-ball (bola-de-neve), onde a partir de um primeiro entrevistado surgiu o seguinte e assim consecutivamente por indicação, respeitando os critérios definidos pelo pesquisador.

Foram entrevistados 44 moradores do bairro Humaitá, em um período de quatro meses. Através de contato com síndicos dos prédios do bairro, foi selecionado um sujeito inicial, e esse indicou o próximo. No momento da entrevista, foi solicitado ao morador entrevistado a autorização da utilização das informações por ele apresentadas, através de um termo assinado. Juntamente a essa entrevista, foram aplicadas duas questões visuais (Figuras 2 e 3), onde se apresentou para o entrevistado, figuras do parque. Outro mecanismo que auxiliou a caracterização da percepção dos moradores, foi a construção de um diário de campo para anotações da percepção do entrevistador quanto às questões que não foram perguntadas, mas puderam ser percebidas.

RESULTADOS

A urbanização da Terra ocorreu numa velocidade muito maior do que previra o Clube de Roma em seu relatório de 1972, denominado "Limites do Crescimento". Em 1950 havia 86 cidades no mundo com mais de 1 milhão de habitantes; em 2006 eram 400, e em 2015 serão pelo menos 550 (DAVIS; 2006). Existe a emergência mundial de um olhar mais ativo e ajustado sobre as cidades e seus produtos.

De acordo com o Censo Demográfico de 1980 do IBGE, 67,59% da população brasileira habitava espaços considerados urbanos, no Censo Demográfico de 2000 do IBGE, este percentual alterou-se para 81,25% da população. Sendo assim, o Brasil caracteriza-se por ser um país predominantemente urbano, ultrapassando os índices de urbanização da América Latina. A velocidade desta expansão é expressiva e justifica alguns dos problemas surgidos em Porto Alegre, como a ocupação de áreas de risco por exemplo. Ainda em 2000, a cidade já totalizava 1.360.000 habitantes e ocupava uma área cinco vezes maior do que em 1960 (PMPA; 2008).

Mas são nesses movimentos de expansão urbana desordenada, como no caso de Porto Alegre, que são provocadas algumas transformações ambientais muitas vezes irreversíveis. No suprimento à necessidade de expansão da cidade, estas extensões passam a ocupar habitats de regiões alagadiças, que são áreas de proteção permanente (APPs), principalmente matas ciliares, provocando impactos ambientais significativos que exigem longos anos de recuperação

ecológica (COELHO; 2001). E quanto à esfera social, nessas medidas do poder público de expandir a cidade, as relações de sociedade são as grandes atingidas, pois não são levadas em consideração todas as formações étnicas e culturais do espaço que está sendo formado e as relações entre as comunidades que a constituem.

O bairro Humaitá é um exemplo de alguns processos urbanos que aconteceram em Porto Alegre como alternativa habitacional. Em específico neste bairro, a ocupação ocorreu sobre uma área alagadiça que foi aterrada com o despejo do lixo domiciliar da cidade, provocando assim um grande impacto ambiental, parte do material enterrado no bairro é possível visualizar na figura 2.

Mesmo com o histórico de impacto, está instalada uma riqueza ecológica muito significativa, já que ao centro do bairro está uma das últimas áreas alagadiças/úmidas preservadas (Figuras 3 e 4). As relações ecológicas são bastante expressivas neste ambiente, mesmo localizado em zona urbanizada e parte de um grande processo de parcelamento de solo, constitui-se de um patrimônio da capital, pela sua diversidade de espécies.



Figura 2. Características do lixo enterrado no bairro.

As ilhas do Parque Estadual do Delta do Jacuí têm uma grande influência na diversidade de espécies de aves ocorrentes na fauna do Parque Mascarenhas de Moraes. É bem provável que essas espécies sejam provenientes destas ilhas, vindo até o Parque buscar condições de abrigo, de reprodução e de alimentação na área do banhado.

Um estudo de 2008 apontou em 25 horas de observações um total de 38 espécies de aves na área do Parque. “O Parque, mesmo apresentando grande influência humana, proporciona às aves um dos poucos abrigos para dormitório, alimentação e nidificação, em meio à malha urbana” (SCHERER; 2006, p.110). Diante de todo o impacto ocasionado neste espaço, observa-se a necessidade de implantar um programa de educação ambiental com a comunidade do bairro para a conservação do espaço existente.



Figura 3. Alagadiço do Parque.



Figura 4. Fauna do Parque, garças.

Trabalhar a questão ambiental em meio urbano requer o entendimento da realidade instalada e o conhecimento da percepção dos moradores desse local. Até então, este artigo se preocupou em destacar as características ecológicas presentes no bairro, pois durante a entrevista com os moradores do bairro, o recurso natural mais citado nas falas foi a vegetação, tanto relacionada ao parque quanto aos demais espaços verdes do bairro. Entre os entrevistados, 90% declararam que não imaginam o bairro sem o parque, e 70% disseram que o que mais gostam no bairro são os espaços verdes. Esta característica confere ao bairro um aspecto harmonioso em relação a outros lugares na cidade, que já estão tão densificados.

A partir dos dados obtidos, os resultados mais expressivos referem-se à ligação dos moradores com o parque, sendo que 60% dos entrevistados declararam ser o local que mais freqüentam no bairro. Isso também pode ser enfatizado em função de 60% dos entrevistados terem filhos, sendo muitas vezes o parque a opção de recreação para as famílias.

Os entrevistados relataram que essas duas espécies de aves estão diminuindo no bairro, ou seja, avistam-se menos exemplares atualmente em comparação com tempos passados. A fala de algumas moradoras ilustra essa percepção: “tinha bem mais aves há anos atrás, havia vezes que não dava para ver os troncos secos dos eucaliptos, ficavam todos branquinhos. E esses pássaros pretos de bico meio laranja também se viam mais” (Fátima, moradora, 67 anos). “Muitas pessoas vêm aqui tirar fotos das aves porque não há outro lugar dentro da cidade que abriga essa riqueza: é tão bonito!” (Sonia, moradora, 74 anos). “A gente vê que tem os pequeninhos (filhotes) e depois de um tempo eles já estão grandes, mas eu acho que havia mais garças antes” (Marta, moradora, 55 anos).

Em relação ao local mais feio, 70% apontam a vegetação da área alagadiça, principalmente os juncos. Os apontamentos de 60% dos entrevistados da comunidade expressam à necessidade de remoção da vegetação do local pantanoso. De acordo com relatos, a comunidade realizou alguns pedidos para que a prefeitura limpe esta área e assim a estética de um lago seja assumida para esse espaço. Outra citação bastante repetida pelos moradores é o desejo do plantio de árvores grandes ao redor desse lago. Mas como o solo está compactado por muitas camadas de plástico, principalmente árvores de grande porte não conseguem se desenvolver e morrem. Isso demonstra a falta de conhecimentos dos moradores sobre os ecossistemas alagadiços ou pantanosos, a flora e fauna típicos desses lugares, e ainda, como as noções de natureza estão ligadas ao aspecto do bioma mata atlântica. Em poucos momentos o fato de o bairro ter sido construído sobre um aterro sanitário e a forma de aterramento escolhida pelo poder público é citada ou é motivo de preocupação. Este fato aponta como as áreas alagadiças ainda não têm o reconhecimento da sua função ecológica.

Uma das questões norteadoras dessa pesquisa foi: os sujeitos percebem seus danos e pressões exercidas sobre a natureza com seus meios de consumo e configurações de cidades atuais? Pode-se dizer com segurança que os sujeitos do local investigado não conseguem mensurar seus impactos ao ambiente, apenas percebem alguns indícios que são visíveis, como resíduos que são depositados no parque e nas ruas do bairro pelos próprios moradores. O fato de estar sobre um local de relevante importância ecológica e que foi imensamente degradado para seu processo de loteamento não é visto como responsabilidade de alguém, e sim, algo que não está ao alcance dos moradores e que não se pode controlar.

Deleuze discute sobre as sociedades de controle, onde o sujeito está sempre submetido a espaços fechados, onde cada um tem sua lei, vendo sobre essa ótica o ser humano está condicionado a sociedades de controle, a um urbano

totalmente controlado por uma tendência do capital, que o isenta de responsabilidades. Esse controle compete com as necessidades humanas e com a capacidade de suporte ambiental quando analisado perante o quadro atual.

A questão 28 da entrevista tinha por principal objetivo analisar a reação dos moradores ao descreverem o que ouvem de pessoas de outros lugares da cidade a respeito do seu bairro. Os moradores do bairro ouvem de pessoas de outros bairros que o Humaitá é bastante violento. Um dado bastante relevante é que em nenhuma das 44 respostas desta questão, houve alguma característica positiva citada. Essas duas características, violência e vila, que são percepções da cidade em relação ao bairro, segundo os moradores entrevistados, em geral os moradores do bairro local não gostam, e que muitos desconhecem ser características do local que moram, sendo muitas vezes isso fruto de noticiários injustos. Isso demonstra um relativo apego pelos moradores ao local de moradia, pois apesar das dificuldades, observam muito mais fatores positivos que negativos, ao descrever seu bairro.

Na questão 14, que se refere ao que mais gosta no bairro Humaitá, são os recursos naturais, como o parque e a fauna, que aparecem em primeiro lugar, e consecutivamente estão as relações de vizinhança e comunidade. A palavra vizinhança amiga aparece em 90% das respostas, fato que para um bairro de capital metropolitana é bastante relevante. As atividades de comunidade como; igreja, associações, grupos de atividades físicas, escola, é presente na vida de 65% dos entrevistados.

Dentre os entrevistados, 85% declararam não saber se seus esgotos possuem algum tipo de tratamento. Esse dado mostra que os moradores parecem não buscar informação sobre o destino dos dejetos ou, talvez, não lhes interessa saber a respeito disso. Também pode ser que a informação não está sendo bem veiculada à população por parte do órgão responsável pelo esgotamento sanitário do bairro.

Os resíduos sólidos além de contaminar os recursos hídricos do bairro, também estão presentes em grande parte dos terrenos baldios do bairro. Muitos moradores relataram que esses resíduos, na sua grande maioria, são provenientes da atividade dos recicladores, que fazem a separação do lixo nos lotes. Algumas pessoas perceberam que alguns resíduos são trazidos de outros bairros e depositados ilegalmente nessas áreas, por não ser tão visíveis.

Esses locais, denominados pelo poder público de vazios urbanos, não são apenas atraentes para o depósito e queima de resíduos, mas também servem de ponto de encontro para usuários de drogas, contribuindo para aumentar os índices de violência no bairro.

A questão da separação dos resíduos nas residências parece ser mais bem tratada do que àquela que acontece nas ruas do bairro. Um significativo percentual de entrevistados, 85%, disse saber que existe a separação dos resíduos no Humaitá. Os que declararam separar os resíduos em sua residência totalizaram 65% dos entrevistados. Desses, 15% possuem ensino médio completo, 35% ensino superior e 40% utilizam os resíduos como elemento gerador de renda familiar. A partir desses dados percebe-se a relação existente entre a separação do lixo e o grau de instrução dos moradores. Aqueles com menor nível educacional levam o lixo para as usinas de reciclagem e com isso complementam a sua renda familiar. Os moradores mais instruídos preocupam-se mais com a questão da separação do lixo domiciliar do que os com menor nível educacional.

Diante de alguns apontamentos da pesquisa de percepção ambiental e algumas questões aqui discutidas, essa investigação reforça a urgência de implantar um programa de educação ambiental com comunidades e principalmente com a população em questão. A principal estratégia sugerida é um trabalho com oficinas temáticas, que demonstrem que as escolhas humanas estão estreitamente relacionadas à qualidade e manutenção dos ambientes. Uma temática importante a ser trabalhada nesta construção deve tratar sobre os ecossistemas de regiões alagadiças, a importância para as águas subterrâneas, as características da flora e fauna, os serviços ambientais prestados por esse tipo de vegetação e a necessidade de sua conservação.

Outra questão que merece destaque é o esclarecimento dos impactos antrópicos aos ambientes, enfatizando a questão dos resíduos sólidos, já que esse local foi aterrado com lixo doméstico durante um período de tempo. Com as escolas do local sugere-se um estudo para o maior conhecimento das características ambientais do bairro e deste ecossistema. Um importante instrumento lúdico de educação ambiental pode ser o uso de perfis do solo existentes, com a demonstração das camadas do lixo enterrado.

Essa pesquisa revela e reforça um dos principais pontos que são discutidos por pesquisadores, a urgência da informação, da educação, do conhecimento para sensibilizar e assim proteger o ambiente. Pode-se melhor enfatizar isso quando são analisados os dados do grau de escolaridade dos entrevistados, 15% são analfabetos, cerca de 30%



não possuem o ensino fundamental completo, 17% possuem o segundo grau incompleto, caracterizada assim parte dessa comunidade como de baixa escolaridade. As escolas são núcleos transformadores fundamentais na sociedade, pois integram várias gerações, classes de renda e níveis de conhecimento. Mas devida a urgência de recuperação e proteção ambiental que se apresentam na atualidade, os trabalhos de educação ambiental devem expandir-se para associações de moradores, igrejas, condomínios, clubes, comércios e residências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer o local de convívio é um importante primeiro passo para protegê-lo, e o instrumento e a linguagem fica a cargo da educação ambiental. Esta é uma das considerações gerais deste trabalho, é preciso possibilitar que as informações cheguem até a sociedade, para que esta conheça a importância de suas ações. Um ponto interessante de ser apresentado, pois ficou nitidamente perceptível nas entrevistas, refere-se aos entrevistados que residem em condomínios fechados. Nos relatos destes, percebeu-se que possuem um sentimento menor de pertencimento ao parque e ao bairro como um todo, quando comparado com os moradores entrevistados que residem em casas e nas vilas.

O parque apresenta-se como o principal agente físico para um projeto com viés ambiental, pois está centralizado no bairro, tem instalações e espaço disponíveis, e o mais importante dos fatores, é o espaço mais fragilizado ambientalmente. Em meio a novas configurações de cidades, centros urbanos cada vez mais verticalizados, com maior condição de segregação, é preciso compreender o que pensam e como agem as comunidades que nelas habitam, para pensar alternativas práticas de proteção ambiental, por esse motivo justificam-se os trabalhos de percepção ambiental.

A temática resíduos sólidos, aqui mais referenciada através da palavra lixo, em virtude do material existente enterrado no bairro ser hoje um passivo ambiental, não mais possível seu reaproveitamento e reciclagem, é um dos principais problemas da atualidade. Tanto no meio urbano quanto no meio rural, no cenário brasileiro, o poder econômico da sociedade aumentou e a quantidade de resíduos gerados também é crescente, como consequência do aumento de poder de consumo. Os esforços para a implementação de políticas públicas que controlem e gerenciem os resíduos sólidos tem tomado espaço nos grandes congressos e no ambiente da administração pública, tendo em vista a criação da Política Nacional de Resíduos Sólidos no ano de 2010. Porém a geração destes passivos está na contramão da aplicação destas políticas, pois se leva muito tempo para planejar estratégias eficientes de controle e gestão, tendo em vista as escalas brasileiras. O atraso e ineficiência do poder público em tratar de temas tão relevantes como os resíduos sólidos é refletido em casos como o do bairro Humaitá, onde um santuário dos recursos hídricos, ambiente de recarga de aquíferos e lençol freático, é desconsiderado e imensuravelmente impactado pelo aterro de lixo, sendo que este ato foi escolha do poder público.

Concluiu-se nesta investigação que o fato de os entrevistados passarem por um processo de questionamento em relação ao seu local de convívio motivou reflexões a cerca de suas atitudes e situação socioambiental do bairro. Atividades de percepção ambiental podem ser consideradas fundamentais como instrumento de mobilização e reflexão do indivíduo para com o seu meio, resultando em um dos primeiros passos do alcance da sensibilização ambiental esperada em projetos de educação ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Pádua, e. M.m de. Metodologia de Pesquisa: Abordagem teórico-prática. 2º Ed. São Paulo: Papyrus, 1997.
2. Scherer, Janete F.M. et al. Estudo da avifauna associada à área úmida situada no Parque Mascarenhas de Moraes, zona urbana de Porto Alegre (RS). Biotemas, Santa Catarina, n19, 2006, p111-113.
3. Spier, M. Parque Marechal Mascarenhas de Moraes. Canoas: Unilasalle 2006, 87 p. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental.
4. Trindade, Oscar Souza; Figueiredo, Marco A. R. Aterro Sanitário: aspectos estruturais e ambientais. Porto Alegre: Palloti, 1982.